

A VERTICALIZAÇÃO E CENTRALIDADE: O SIGNIFICADO DE MORAR NA ÁREA CENTRAL DE UBERLÂNDIA

JULIO CESAR DE LIMA RAMIRES¹

Resumo

Este artigo objetiva analisar o significado da concentração do processo de verticalização na área central de Uberlândia, levando em consideração a visão de seus moradores. Destaca-se as transformações recentes introduzido por uma nova forma de habitação, e os vínculos afetivos dos moradores com esse lugar.

Palavras chaves: Verticalização, área central, territorialidade.

Abstract

Vertical Urban Expansion and Centralization: The Signification of living at Uberlandia Central Area

This paper aim to analyse the spatial concentration of high buildings in the central area of the city of Uberlândia. A new kind of habitation was introduced in this place. The inhabitant's view and his links with this place are detached.

Key words: Vertical urban expansion; central area, territoriality

¹ Prof. Dr. DEGEO/UFU Doutor em Geografia Humana-USP

INTRODUÇÃO

A trajetória da verticalização de Uberlândia, apresentada em trabalhos anteriores², evidenciou a importância da área central e seu entorno como “locus” de concentração desse processo, levando a uma reflexão sobre o significado dessa centralidade, construída ao longo do tempo.

Empenhou-se nesse trabalho em apreender alguns aspectos subjetivos da espacialização da verticalização, que, de certa forma, foram pouco explorados nos estudos dessa temática e que sempre privilegiaram o enfoque da produção do espaço. O consumo da habitação verticalizada apresenta-se como uma boa oportunidade para estabelecer-se uma ponte entre as esferas objetiva e subjetiva que envolvem a sua dinâmica de estruturação, reconhecendo a importância das duas dimensões.

Visando complementar a análise dos mecanismos que permeiam o consumo da habitação verticalizada na área central de Uberlândia, decidiu-se pela realização de entrevistas junto aos moradores de alguns edifícios, visando captar os motivos que levam a uma parcela significativa da população a continuar residindo no centro e seu entorno, bem como as novas relações sociais engendradas pelo crescimento vertical. Optou-se pela técnica da entrevista dirigida³, já que se observa a dificuldade de acesso junto aos moradores de cada edifício.

Centralidade e verticalização: o morar no Centro de Uberlândia

Analisando o processo de produção do espaço urbano, CORRÊA (1989) assegura que as áreas centrais das cidades capitalistas passaram a ser estudadas pelos pesquisadores do urbano, quando estas começaram a evidenciar a sua importância no contexto geral das cidades, pela progressiva concentração de atividades comerciais, de serviços, transportes e da gestão pública e privada. Essa concentração significou a existência de vantagens locacionais que tornaram o valor do solo muito elevado nessas áreas.

O referido autor, por exemplo, ao caracterizar as funções típicas desse segmento espacial da cidade contemporânea destaca os seguintes pontos: apresenta um uso intensivo do solo, especialmente, a concentração de atividades do setor terciário; uma intensa verticalização, que guarda relação com a limitada possibilidade de expansão horizontal; é o foco de concentração de transportes intra-urbanos e

² Vide por exemplo, os trabalhos de Soares (1995), Soares e Ramires (1995), Ramires (1998)

³ Segundo THIOLENT (1982:35), “a entrevista dirigida ou padronizada consiste na aplicação de um questionário pré-determinado, com uma maioria de perguntas fechadas e sem nenhum papel ativo do entrevistador.”

de concentração da sede das empresas que atuam na cidade; apresentam grande movimento durante o dia, e ficam praticamente desertas, durante a noite.

A verticalização da área central é um elemento que se destaca na paisagem urbana, contrapondo-se à limitada possibilidade de expansão horizontal, visto que essa fração do espaço urbano é densamente ocupada. Essa restrição faz com que a área central seja relativamente pequena, em termos de espaço físico, geralmente podendo ser percorrida a pé.

O centro da cidade é o espaço mais transformado da aglomeração urbana, nos seus aspectos arquitetônicos, refletindo diferentes processos sociais, políticos, econômicos e culturais, que a atingem como um todo. Geralmente, essas áreas são objeto de grandes projetos de renovação urbana, promovidos pelo poder público, e que envolvem interesses de diversos agentes produtores do espaço urbano.

Os processos de produção/consumo/gestão/circulação são extremamente dinâmicos, transformando a cidade ao longo do tempo. Novas formas, funções, conteúdos são produzidos e novos significados são dados ao centro da cidade. Dentre algumas tendências arroladas por CASTELLS (1979) sobre esse processo podem-se citar: a difusão simbólica; a desconcentração e descentralização da função comercial; a criação de mini-centros; a especialização do centro antigo em atividades de gestão e administração e a dissolução do centro e atividades de tempos livres.

Segundo o referido autor, não é suficiente explicitar a estrutura simbólica do centro apenas pelos seus monumentos, não somente pelo seu significado histórico, mas pela sua apreensão como código de interação, que organiza as relações sociais. Dessa forma,

“O centro simbólico pode, pois, ser definido como a organização espacial dos pontos de intersecção entre os eixos do campo semântico da cidade, isto é, como lugar (ou lugares) que condensa (condensam) uma intensa capacidade valorativa em função da qual se organiza de maneira significativa o espaço urbano.” (CASTELLS, 1979: 191)

Na sua visão,

“Trata-se, pois, de definir o centro como elemento transformador das relações sociais no que toca ao espaço urbano, enquanto produtor de uma nova estrutura urbana e não somente como simples lugar de encontro ou mero elemento funcional. No fundo, a idéia de centro como meio social específico, como criador de relações sociais peculiares através de uma multifuncionalidade de interações possíveis, ajusta-se - relativamente - às implicações que esta perspectiva encerra.” (CASTELLS, 1979: 192)

A produção acadêmica sobre a área central apresenta uma riqueza de estudos realizados no Brasil, e em várias partes do mundo, por geógrafos, sociólogos,

economistas, urbanistas e antropólogos. Não cabe nos limites deste trabalho resgatar essa produção, à medida que estamos preocupados em revelar os fatores que levam a uma manutenção ainda expressiva da área central como local de residência de distintos grupos sociais, especialmente os de maior renda, em cidades de médio porte, como é o caso de Uberlândia.

Discutindo a questão da centralidade urbana, SPOSITO (1991) afirma que, nas cidades médias do interior paulista, residir no centro ou nas suas proximidades ainda é um símbolo de status, fazendo com que os incorporadores imobiliários lancem um expressivo número de empreendimentos imobiliários nessas áreas, processo que se acentuou nos anos 80. Assim, com a venda da mercadoria apartamento, vende-se a própria centralidade, traduzida nessas cidades como a acessibilidade à área de maior concentração do comércio e serviços.

Outro aspecto levantado por SPOSITO (1991) com relação a centralidade é a tendência de expansão das funções do centro para o seu entorno, num claro processo de crescimento da área central, com escritórios, clínicas, pequenas escolas, comércio de pequenas botiques, comércio popular, ocupando edificações que, até então, eram ocupadas com uso residencial. A formação de subcentros em outras partes da cidade e a construção de shopping-centers são também apontados como fatores determinantes de uma nova centralidade, que se desfaz, para refazer-se em outros espaços da cidade.

No caso da cidade de Uberlândia, a descentralização das funções centrais ainda é um processo em gestação, apesar da sede do Poder Público, envolvendo tanto os órgãos ligados ao Executivo quanto o Legislativo, ter-se deslocado para o bairro Santa Mônica, onde foram construídas suas novas instalações. Ao lado, encontra-se um shopping e o hipermercado Carrefour, formas geográficas que estão produzindo uma grande valorização do solo urbano dessa área, como comentado no capítulo anterior.

Constata-se em alguns bairros que passam por um grande crescimento populacional um expressivo desenvolvimento de atividades comerciais e de serviços, tais como bancos, algumas lojas cuja sede está no centro, restaurantes, lanchonetes, academias de ginástica e locadoras de vídeos, consultórios médicos.

Apesar dessas idéias apontarem para a descentralização, com a formação de alguns subcentros, a área central ainda mantém uma posição de destaque na estrutura territorial da cidade. Recentemente, abriu-se uma loja da Macdonald's numa das principais avenidas do centro, apesar de já existir uma loja dessa rede no Shopping Center.

Outro aspecto que merece ser ressaltado com relação à importância da área central, difere das idéias desenvolvidas por SPOSITO (1991) sobre a materialização do caráter agrário na estrutura interna das cidades do interior paulista, não se apli-

cando ao caso de Uberlândia, que, ao longo do tempo, foi definindo-se como um importante centro atacadista, apesar de possuir um parque agro-industrial expressivo. Hoje, a cidade desponta como um dos maiores centros atacadistas da América Latina, a partir da consolidação de grupos econômicos locais, que já começam a ter uma projeção internacional.⁵

Dessa forma, os principais grupos econômicos, desde cedo, estiveram muito ligados às atividades urbanas, desenvolvendo um forte discurso modernizador, que se foi materializando na criação/transformação das formas urbanas, sendo o modelo da grande metrópole, usado recorrentemente para justificar as diferentes práticas de intervenção no espaço urbano.

A estruturação da área central de Uberlândia

Até as primeiras décadas do século XX, o núcleo urbano concentrava-se na área conhecida como *Fundinho*, agregando toda a vida econômica e o cotidiano de Uberlândia. Essa área tem uma importância especial na estrutura territorial da cidade, pois foi nela que se concentraram os principais prédios públicos, casas comerciais, teatro, cinemas e as residenciais das classes sociais mais abastadas. A área sediou os dois maiores jornais diários da cidade e o terminal rodoviário, que funcionava no local onde é hoje a Biblioteca Municipal, dois exemplos do dinamismo de um espaço que ainda possui algumas construções do início do século.

SOARES e RAMIRES (1993) afirmam que o crescimento da cidade para além do núcleo original de formação processou-se a partir da construção da estação ferroviária, em 1895, e da implantação do plano urbanístico de 1908, que previa a abertura de seis grandes avenidas, estimulando a expansão do centro comercial em direção a essas novas áreas.

O prolongamento desse ramal ferroviário da Mogyana, bem como a construção da ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba favoreceram o desenvolvimento de atividades comerciais, que definiram para a cidade um importante papel de entreposto comercial, e a cidade chegou a ser a terceira em contingente populacional no Triângulo Mineiro, superada apenas por Uberaba e Araguari.

Ao longo do tempo, a área central, especialmente o seu núcleo histórico hoje denominado Fundinho, consolidou-se como um lugar com certa especificidade, ao abrigar grupos das famílias tradicionais da cidade. Assim, o processo de segregação sócio-espacial e a expulsão da população da área central é um fato antigo e LOURENÇO (1986), analisando a população negra no bairro do Patrimônio, lembra

⁵ O trabalho de CLEPS (1997) apresenta uma análise interessante do comércio atacadista da cidade de Uberlândia, e sua vinculações com a dinâmica econômica nacional.

que, com o crescimento urbano e o fortalecimento da classe dominante na área central, os palacetes e sobrados não se coadunavam com os mocambos, deslocando os moradores negros para outras áreas.

“Provavelmente por causa dos planos de construção do Ginásio Mineiro de Uberabinha, em meados da década de dez, os negros moradores dos mocambos próximos, onde é hoje a praça Adolfo Fonseca, foram expulsos e suas moradias destruídas, e no local se criou a praça D. Pedro II, em frente ao recém-construído Ginásio, onde iriam estudar os filhos das famílias mais abastadas. Alguns negros foram para Vila Carneiro, outros se dispersaram.” (LOURENÇO, 1986:19)

Vale ressaltar que o núcleo histórico da cidade foi-se definindo como uma área de predomínio residencial, com as atividades comerciais e de serviços deslocando-se e concentrando-se ao longo das grandes avenidas - especialmente da Afonso Pena e da Floriano Peixoto, onde o uso residencial ainda é predominante nos dias atuais, devendo-se destacar alguns serviços, tais como as locadoras de vídeo e um supermercado 24 horas, que atende não apenas os moradores locais, como também os habitantes dos bairros próximos.

Esse fato acentuou-se após a transferência da sede administrativa da Prefeitura para o bairro Santa Mônica e, mais recentemente, pelas mudanças advindas com a implantação do Sistema de Transporte Integrado, que, ao criar um terminal nas imediações da Praça Sérgio Pacheco, fortaleceu definitivamente uma tendência histórica de dinamização da área central para além do seu núcleo inicial de povoamento.

Constata-se uma diminuição do fluxo de pessoas na área próxima ao Fundinho (o núcleo histórico da cidade), especialmente na conhecida praça da prefeitura. Há, portanto, uma recuperação e consolidação do significado desse espaço, que se afirma como o território das famílias tradicionais, bem como dos novos grupos sociais de alta renda, que se estabeleceram na cidade em função da dinamização de suas atividades econômicas e de sua consolidação como um pólo de crescimento regional.

Verifica-se, a tentativa de dinamização das atividades culturais na área central, especialmente o Fundinho, conforme proposta do Plano Diretor, que, inclusive, previa a transformação da Avenida Afonso Pena numa rua exclusiva de pedestres. Atualmente, encontra-se em funcionamento a Casa da Cultura, na qual ocorrem diversas atividades culturais e dois teatros. Recentemente o Poder Público retomou essa idéia abrindo licitação para que as empresas de consultoria e escritórios de arquitetos apresentem as suas propostas.

Por meio de informações já expostas, pode-se confirmar que a verticalização tem sido responsável por alterações morfológicas e funcionais bastante significati-

vas desse segmento espacial da cidade, levantando uma série de questionamentos acerca dessa densificação do uso do solo, sem ter em contrapartida um planejamento adequado. Os primeiros edifícios altos foram construídos nas avenida Afonso Pena, e até os anos 80, essa área concentrou quase todos os edifícios altos da cidade.

Observa-se no Plano Diretor o reconhecimento da problemática da preservação histórica no núcleo inicial da cidade, que passa por um rápido processo de verticalização, indicando que o Poder Público tem consciência do processo, mas que nenhuma medida foi tomada no sentido de amenizar/ ou coibir o processo de especulação imobiliária nessa área. O Plano estabelece algumas metas para a área, tais como a preservação e revitalização do Fundinho, delimitando a área central de interesse histórico, resguardando a horizontalidade da região e o gabarito das ruas. a fim de não ferir as suas características principais, impedindo o adensamento de uma região com infra-estrutura saturada.

No centro de negócios, fica proibido a implantação de grandes equipamentos industriais e procurar-se-á incentivar o uso habitacional, comercial e de serviços entre as Praças Clarimundo Carneiro e Sérgio Pacheco.

A preocupação com a preservação histórica não apareceu nos discursos das pessoas entrevistadas, apesar de, no caso dos moradores do Fundinho terem consciência de estar residindo na parte “velha” da cidade, sendo este “velho” entendido como das famílias tradicionais, verificando-se uma perfeita identidade territorial. Para a maioria desses habitantes a verticalização é vista como um processo natural de toda cidade que se encontra em fase de crescimento, e o número de prédios reflete e qualifica esse crescimento.

A preocupação com a preservação e a memória de uma parte da cidade carregada de historicidade não faz parte do discurso da maioria, que se vincula às formas modernas, como, por exemplo, a habitação verticalizada, de forma acrítica. E para a maioria da população não existe distinção entre centro e Fundinho, já que, na sua concepção, são moradores do Centro.

Na realidade, a expressão Fundinho marcou a fase inicial da estruturação do espaço urbano de Uberlândia, na qual se associou a presença de alguns grupos sociais de menor renda, sem contar com o fato de que essa área ficava para os fundos da igreja da Matriz, durante muito tempo, o principal monumento arquitetônico da cidade. Isto pode explicar, em parte, o sentimento de rejeição que se observa junto aos entrevistados acerca da referida denominação. Os grupos de menor renda ainda se fazem presente na área, evidenciando que a reprodução das desigualdades sociais materializam-se em diferentes escalas.

Em alguns jornais locais são apresentadas algumas descrições da área:

“Casas senhoriais existiam pacificamente ao lado das outras, mais simples, e a convivência se fazia de maneira muito tranqüila. Ali não havia esta história de rico e pobre. Todo mundo se dava muito bem e se ajudava. [...] Até mesmo os comunistas e os integralistas sempre coexistiram aqui sem problemas.” (PRIMEIRA HORA, 08/05/82)

Tenta-se passar a imagem de uma verdadeira democratização no uso e ocupação do espaço por distintos grupos sociais.

“Suas construções quase não sofreram modificações, seja por falta de condições financeiras ou pelo espírito altamente conservador dos seus proprietários. Com isto o bairro sempre foi protegido dos modernismos e das novidades extemporâneas.” (PRIMEIRA HORA, 08/05/82)

Os conflitos entre o velho e o novo não se apresentam de forma clara na maioria dos discursos. O relato de um porteiro de um edifício, cujos moradores reclamam dos morcegos, ilustra muito bem essa afirmativa: “Os morcegos vivem aí nessas árvores velhas e passam o tempo todo assustando os habitantes. Eles entram nas residências e para retirá-los é um custo.” (CORREIO DO TRIÂNGULO, 1994:9). Convém lembrar que a concepção de “velho”, que é uma marca das construções da área, que de certa forma está impregnado no imaginário coletivo, também se aplica aos elementos do quadro natural, ou seja, “árvores velhas” de um espaço onde tudo ainda é marcado pelo velho.

Essa discussão da preservação é interessante, à medida que procura evidenciar uma preocupação que de fato não é muito sincera, visto que, apesar do Plano Diretor indicar uma série de restrições para a construção de novas edificações na área, é justamente no início dos anos 90 que esse processo se acentua. Por outro lado, a criação de um bairro por decreto, sem que os moradores não tenham tido nenhuma participação no processo, faz com que a preservação seja apenas uma figura de retórica.

Deve-se ressaltar que, para a maioria da população residente nessa área, o Fundinho, na realidade é uma criação especialmente do Poder Público Municipal, que de uma certa forma instrumentaliza essa fração do espaço urbano com a intenção de evidenciar uma preocupação com a preservação que deixa muito a desejar.

As formas geográficas do passado vão desaparecendo ou perdendo expressão no conjunto da paisagem urbana, sendo progressivamente escondido pelos prédios construídos e em construção nos quarteirões vizinhos, evidenciando a força da verticalização na área.

É justamente na área central de Uberlândia que se concentra uma parte significativa dos novos empreendimentos imobiliários, responsáveis por um constan-

te processo de demolição de antigas casas, algumas de significativo valor histórico, que simplesmente desaparecem da paisagem para dar lugar a um edifício.

O significado da localização central em Uberlândia

A localização central passa a ser uma variável bastante instrumentalizada e que aparece com frequência nos discursos tanto dos empresários do setor, como dos moradores: “Por uma questão cultural, os imóveis do centro da cidade sofrem uma valorização excessiva, ditada pela própria demanda: a tendência é procurar um local próximo ao centro para comprar ou alugar, promovendo um verdadeiro leilão.” (REVISTA FLASH, 1989: 20)

Pode-se constatar a existência de algumas edificações que marcaram a paisagem urbana da área central e que, durante muito tempo, eram pontos de referência dos moradores, como a estação ferroviária e a estação rodoviária, situadas nos extremos opostos do centro e tendo a função do transporte de passageiros, e ambas foram desativadas nos anos 70, em função das necessidades de expansão da cidade.

O núcleo inicial de povoamento da cidade de Uberlândia perdeu parte de seu dinamismo econômico, à medida que o espaço construído se expandia ao longo das grandes avenidas - Afonso Pena, Floriano Peixoto, João Pinheiro e Cipriano Del’Fávero. Dessa forma, essa manteve-se com um uso residencial expressivo, com as moradias das famílias tradicionais, e mais tarde, com os edifícios de apartamentos. Assim, desde os primeiros lançamentos de prédios nas avenidas centrais, a localização central é uma variável altamente destacada.

Nas propagandas de alguns edifícios, lançados no final dos anos 70, destacavam-se as principais características do empreendimento - número de apartamentos por andar, a existência de mais de um elevador, interfones, suítes com closed, garagem com porteiro eletrônico e playground - ressaltando-se que algumas destas características ainda eram novidades na cidade, por volta dessa época. A localização no coração da cidade é apontada como um local privilegiado. A associação com uma parte do organismo humano que encarna o sentimento de amor, sendo uma dos principais órgãos do corpo, também é algo que merece destaque nos materiais publicitários consultados.

Pode-se constatar que a localização central continua sendo amplamente explorada nos materiais publicitários de empreendimentos lançados nos anos 90. Com mais colorido, essa localização é apresentada como invejável, uma fator que facilita a vida. A proximidade da infra-estrutura de comércio e serviços, a tranquilidade e a segurança são apresentados como grandes vantagens.

A localização central passa a ser um fator que valoriza os imóveis construídos na área, que tem um passado histórico importante, como pode ser confirmado na da reportagem de lançamento do condomínio Rodrigues Alves:

“Diferenciado dos demais empreendimentos por estar situado numa área de identidade histórica, o Rodrigues Alves conserva em suas raízes a tradição da família do Dr. Sérgio Marquez (ex-proprietário do terreno) e o valor patrimonial de pertencer à região onde Uberlândia teve o seu início, o berço da atual cidade. Referindo-se à importância da obra, emocionada, Ana Maria Marquez (esposa do Dr. Sérgio) ressaltou a felicidade ao ver o seu antigo casarão, local marcado por momentos de intensa alegria familiar, transformado agora num importante condomínio onde a modernidade e a beleza do estilo arquitetônico enobrecem a memória do lugar.” (REVISTA DISTAK’S, 1996:8)

Verificava-se a prática de associar o nome do edifício ao de famílias tradicionais, que residiam na casa que foi demolida para construir o prédio, tais como o Rocha e Silva, o Florinda Marquez, ou simplesmente homenagear figuras tradicionais da política local ou da área empresarial. Mas, com a entrada da Encol, constata-se que os novos prédios recebem denominação em inglês/francês, tais como o Practice Home, White House, Maison Classic, Times Square, alterando a visão tradicionalista, com procedimentos utilizados nas grandes metrópoles. Outras empresas passam a adotar esse mesmo procedimento, tais como a Construtora Simão, que lançou o Le Grand Palais, Diamond Tower e o Le Jardin.

Destaca-se, nas entrevistas realizadas com os moradores de alguns apartamentos, que, na maioria absoluta dos casos, a propaganda do empreendimento não teve influência no ato da compra. Os motivos variaram entre oportunidade do momento, questões familiares, e proximidade de parentes na área, o apego e as ligações afetivas com o lugar.

Pode-se afirmar que existe um nível de identificação com o lugar e com as pessoas, que talvez expresse uma resistência a esmagadora presença de população “de fora”, já que os percentuais de não naturais da cidade de Uberlândia são elevados. Novos moradores significam a introdução de novos hábitos, nova visão de mundo e valores distintos da sociedade local.

Não é possível definir essa área como um território exclusivo das elites, à medida que vários empreendimentos começam a ser construídos, visando captar novos consumidores de menor status social. A lógica que permeia parte das ações dos incorporadores é vender a idéia de que o centro também é acessível a outros grupos sociais, uma prática contraditória, que realça a nobreza da localização central para os mais ricos, e, ao mesmo tempo, abre espaço para os outros segmentos de menor renda, ou seja, um novo público consumidor.

Dessa forma, pode-se constatar que a verticalização em Uberlândia traz a marca de um estilo de vida individualista, típico das grandes cidades. Assisti-se, portanto, a um momento em que a cidade, com quase quinhentos mil habitantes, perde progressivamente suas características de cidade pacata do interior, assumindo um novo patamar na hierarquia dos centros urbanos nacionais.

A questão da segurança torna-se um dos signos que marcam de forma contundente a vida na grande metrópole, fruto de um processo de acumulação altamente concentrado, alijando a maioria da população do progresso econômico instituído nesses espaços, levando, em contrapartida, a aumentos da criminalidade. Assim, conforme se verifica o desenvolvimento de práticas cotidianas, materializadas na estrutura espacial, que procuram se defender da falta de segurança, como, por exemplo, os condomínios fechados. A veiculação dessa problemática relacionada às grandes metrópoles pelos meios de comunicação introjeta o sentimento de insegurança nos indivíduos com relação à cidade de Uberlândia, interiorizando-se no psiquismo social, fazendo-se do medo o sentimento predominante dos habitantes desta cidade.

Assim, está presente nos discursos dos moradores da cidade de Uberlândia, que colocam a violência e a falta de segurança como um dos principais motivos que os levaram a optar por residir em apartamentos. Os índices de furtos às residências é elevado na cidade e geralmente ocorrem durante o dia, em pleno movimento. Em muitos bairros, é comum a contratação de vigilantes noturnos, que percorrem as ruas de bicicleta, fazendo um policiamento precário e sem nenhum preparo profissional.

Assim, encontra-se generalizada no imaginário coletivo a problemática da violência, já que os crimes de diversas natureza, tanto na periferia com nas áreas mais nobres, são fortemente veiculados pelos meios de comunicação, reforçando ainda mais esse estado de espírito, com forte impacto na decisão de morar em apartamento, apontado como sendo muito mais seguro. Outro fato vinculado a essa questão da segurança é de que em muitos casos constata-se a presença de casais idosos, bem como pessoas viúvas, ou solteiras residindo sozinhas, o que acaba gerando aumento da insegurança e medo de morar em casa.

Da casa ao apartamento: as relações sociais e os vínculos como o lugar

Analisando a história da vida privada, PROST e VICENT (1992) lembram que as formas arquitetônicas da modernidade dificultam em muito a articulação entre o público e o privado na esfera do bairro, produzindo a sua desestruturação, com o fim dos botecos e lojinhas tradicionais. Não apenas a forma geográfica se altera, como também o conteúdo das relações entre os indivíduos. A verticalização com-

porta uma dimensão importante nesse processo, acentuando as práticas individualistas na cidade e, como exemplo ilustrativo, afirmam que

“O elevador não é uma rua na vertical: na rua, a pessoa vê os outros passarem, sabe em que porta vão parar, e a identificação fica mais fácil graças às diferenças entre as casas. O elevador conduz seus passageiros ao abrigo dos olhares e os entrega em andares totalmente idênticos, e é fácil confundir as entradas dos prédios. A semelhança dos lugares gera o anonimato. Nem por isso o vizinho desaparece: os ruídos atravessam as paredes com facilidade, mas as pessoas não prestam muita atenção.” (PROST e VICENT, 1992: 123)

Os referidos autores citam uma pesquisa realizada na Europa, em 1964, mostrando que nos grandes prédios residenciais 68% das famílias não mantinham qualquer relação constante com os moradores do mesmo andar; 50% não mantinham qualquer relação no conjunto de prédios; e 21% não mantinham relação com ninguém, em nenhum lugar, evidenciando de forma contundente a pobreza das relações humanas nas grandes cidades. Não se dar com os vizinhos tornou-se uma das normas burguesas da vida social, e libertar-se das servidões da vizinhança passou a significar uma ascensão na escala social.

MELLO (1990), ao resgatar os postulados da Geografia Humanística, afirma que a fenomenologia considera que os indivíduos constroem o seu próprio mundo associando-se esse fato à existência de mundos comuns a todos, reforçados pela ação coletiva dos grupos sociais. Dessa forma, “pessoas com idêntico padrão de renda, que falam o mesmo idioma e cultuam hábitos semelhantes, possuem mundos íntimos e coletivos, conscientizados, de um lado, de maneira introspectiva e, de outro, correspondidos na comunidade.” (MELLO, 1990: 97)

O referido autor ainda destaca que o indivíduo estrutura o seu lugar de acordo com os seus referenciais de residência e encontros, destacando que a necessidade de ampliação da territorialidade está presente.

“O lugar é um nicho aconchegante. Pode ser assim conceituado a partir da permanência. Certos espaços só se tornam lugares após uma demorada experiência. O que inicialmente é feio, sem vida ou até mesmo odiado (espaço), com o tempo ganha foros de lugar. Espaços se tornam lugares em razão do contato com outras pessoas e em trocas afetivas, econômicas, etc.” (MELLO, 1990: 105)

Nessa discussão dos vínculos afetivos com o lugar, não se pode descartar a questão da territorialidade, que, na visão de CORRÊA (1994), é uma apropriação que tem um duplo significado, ou seja, de um lado, o controle efetivo do espaço, e, por outro lado, de uma dimensão afetiva, derivada das práticas de distintos grupos sociais, agentes econômicos e o Estado.

Para SACK (1986), a territorialidade é uma poderosa estratégia de controle de pessoas e coisas, cobrindo uma gama variada de situações e atividades, inseridas num contexto de sociabilidade. Essas relações mudam ao longo do tempo, e são justamente essas transformações que devem ser apreendidas e analisadas. Adicionalmente, fala que a territorialidade também comporta uma reificação das relações de poder, que, geralmente, são diluídas nas relações sociais, um deslocamento da atenção entre dominantes e dominados.

Em alguns lançamentos de edifícios na área central, divulgados pela imprensa local, observa-se uma certa naturalidade ao referir-se à mesma como o lugar das elites. Um exemplo, observado na propaganda do Edifício Le Grand Palais associa-se a moradia no edifício a um verdadeiro palácio: *Quando eu crescer, princesa, vou me casar com você e vamos morar num grande palácio*". Apresenta-se, no referido material, uma descrição completa do empreendimento, com planta e mapa de localização, ou seja, uma descrição do futuro *palácio*.

Pode-se notar que a concentração de edifícios na área central e seu entorno é um produto da ação dos incorporadores imobiliários, que veem a possibilidade de aferir uma margem elevada de lucro a partir do lançamento de empreendimentos para consumidores de rendas elevadas.

O Estado, por outro lado, apresenta um discurso contraditório, decretando a preservação da área como patrimônio histórico, limitando a verticalização apenas no papel, já que os prédios em construção tornam-se cada vez mais presentes na paisagem.

Constatou-se através de pesquisa no catálogo telefônico que um número expressivo de famílias tradicionais residem nos edifícios de luxo localizados especialmente no Fundinho. A concentração da verticalização nessa área evidencia que esse lugar acaba qualificando os indivíduos que nele residem, provendo e reforçando a sua valorização. Assim, esses grupos criaram, ao longo do tempo, uma forma de evidenciar e projetar seu poderio através de um processo que sempre encarnou o símbolo do progresso e do poderio econômico - a verticalização.

Praticamente, todos os entrevistados afirmaram que mantêm boas relações com os vizinhos, mas é apenas um tratamento formal, de cumprimentos no elevador ou no hall de entrada. Laços de amizade mais fortes são restritos, somente no caso de pessoas que já se conheciam dos locais de residência anterior. No caso dos edifícios com apenas um apartamento por andar, esse fato é ainda mais acentuado, à medida que se caminha do hall de entrada diretamente para o hall do seu andar, sem nenhum contato com vizinhos. Alguns moradores comentaram que chegam a levar alguns meses para cruzar com qualquer morador, já que nem sempre os horários de saída e chegada são comuns. Isso é visto como um dado negativo, mas que, no geral, não compromete a sua qualidade de vida e inviabiliza essa forma de morar.

É um elemento da vida moderna. Assim, generaliza-se a prática do isolamento, da privacidade e da individualidade.

Os equipamentos coletivos existentes nos prédios são utilizados com frequência principalmente pelos mais jovens, visto que a grande maioria dos edifícios possuem piscina, playground ou salão de jogos e quadra esportiva. Esse é, portanto, um espaço de socialização, que supera a perda de contato com a rua, no caso específico dos jovens e crianças. Também vê-se que a vida moderna permite que a criança e os jovens realizem uma série de atividades, tais como práticas esportivas em clubes e cursos de língua estrangeira, fazendo com que passem pouco tempo no edifício. No caso dos prédios em que predomina uma população mais velha, esses equipamentos são pouco utilizados.

Poucos entrevistados mostraram-se insatisfeitos com a nova modalidade de moradia, mas reconhecem a impossibilidade de residir com segurança em casas, numa cidade que já se tornou bastante violenta. Na maioria dos casos, essa passagem processou-se de forma tranqüila, superando as expectativas. As preocupações de como lavar e estender roupas como no quintal, o natural barulho decorrente das habitações superpostas, a dificuldade de realização de festas foram plenamente superadas.

Deve-se destacar que, nos prédios de luxo, a área útil dos apartamentos em alguns casos aproxima-se da área das residências existentes no centro, ou seja, espaçosas, com varanda e quintal. Não é por acaso que em todos eles existe a presença da sacada como uma extensão do quintal/varanda, que, na realidade, quase nunca é utilizada pelos moradores. Além disso, verificou-se em vários prédios a permissão para se ter animais de estimação, que é um dado sempre presente nas casas. Dessa forma, alguns desses elementos do cotidiano da casa podem ser reproduzidos no apartamento.

O residir em apartamento, segundo alguns moradores, além da questão da segurança apontada anteriormente, também tem a vantagem de amenizar as relações com serviçais, que, às vezes, é bastante problemática. Isso ficou confirmado em vários relatos que afirmaram a eliminação do número de empregados, tendo em vista que houve uma redução na quantidade de tarefas a serem realizadas, inclusive não sendo necessário a empregada dormir no emprego. Tarefas como jardinagem, segurança, manutenção de piscina, limpeza de quintal passam a ser atribuições do condomínio e de responsabilidade do síndico do edifício.

Apesar da familiaridade com a área central, vários entrevistados afirmaram que já não encontram os velhos conhecidos com tanta facilidade, já que existe muita gente de fora na cidade, ou seja, há uma perda progressiva da imagem da pacata cidade do interior. Na visão da maioria, Uberlândia já é uma grande cidade com todos os problemas típicos das grandes metrópoles.. As transformações por que

vêm passando o Centro e o Fundinho também podem ser evidenciadas em um depoimento de uma antiga moradora publicada num jornal local:

“Todo mundo se conhecia e se dava muito bem. Naquele tempo se fazia muitas visitas ainda que fossem apenas para falar fiado. Não havia jeito de encontrar as pessoas sem dar uma paradinha para um tostão de prosa; à tardinha, então, o pessoal vinha para as janelas, punha cadeiras nas calçadas, a criançada se punha a brincar e vivia-se muito mais. Agora as coisas são mais difíceis, há muito carro pelas ruas e as pessoas estão sempre apressadas. Mas o pessoal mais velho ainda conserva muito dos costumes. E aqui no Fundinho ainda é possível viver como naqueles bons tempos. Nos outros lugares da cidade fica mais difícil.” (PRIMEIRA HORA, 08/05/82)

As ligações afetivas com o Centro/Fundinho são evidentes em vários depoimentos de moradores que afirmam estar no local, onde nasceram e cresceram. Estar perto de seus parentes também é visto como importante, mesmo não os visitando com frequência, pelo menos sabem que eles estão ali. Observa-se, em alguns casos, a existência de quatro gerações - avós, pais, filhos e netos - residindo em casas e apartamentos nessa área, que confirmam a tese da afetividade para com o lugar, que lhes é altamente familiar. MELLO (1990) lembra, por exemplo, que o local de infância e/ou residência é sempre um lugar rico de significados para quem muito o experiencia, envolvendo enraizamento, amizade e simbolismos.

Outro procedimento que confirmou esse fato foi uma pesquisa no catálogo telefônico no qual se pode verificar que, em vários prédios é comum a existência de parentes próximos, tais como no Edifício Antônio Luiz Bastos, onde residem a viúva do incorporador, seus quatro filhos casados e dois sobrinhos, ou seja, uma boa parcela da família. Esse fato pode ser reproduzido para vários outros prédios.

O crescimento da cidade e a sua verticalização relegaram as praças a um segundo plano, reduzindo o significado que algumas delas tiveram no passado. Segundo relato de vários moradores, era comum o uso desses espaços para lazer das crianças e um momento de encontro e conversas com os vizinhos. É interessante notar que é comum a representação dessas praças nos folhetos promocionais de edifícios lançados na área central.

Dessa forma, o processo de verticalização da cidade de Uberlândia tem engendrado uma série de transformações que, em grande parte, são vistas de forma natural pela maioria da população, que apresenta esse fenômeno como um símbolo do progresso, como algo irreversível a partir do patamar de desenvolvimento que a cidade alcançou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS, Ana Fani A. Pensando novos caminhos da análise urbana. *Boletim de Geografia Teorética*, Rio Claro, 21 (42): 103-108, 1991.
- CASTELLS, Manuel. *Problemas de investigação de sociologia urbana*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- CHORODE BEBÊ E GENTE GRANDE FAZ LEMBRAR A BOA DONA NENÊ. *Primeira Hora*, Uberlândia, 08/05/82
- CONDOMÍNIO RODRIGUES ALVES: UM EMPREENDIMENTO COM A QUALIDADE SIMÃO. *Distak's*, Uberlândia, 11 (131): 8-10, fev. 1996.
- CORRÊA, Roberto L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Territorialidade e corporação: uma nota. In: Santos, M., SOUZA, M. A. A. de, SILVEIRA, M. L. (orgs.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994, p. 251-256.
- ENGENHARIA SIMÃO LANÇA NOVO EDIFÍCIO: 26 ANDARES. *Primeira Hora*, Uberlândia, 14/01/84.
- FUNDINHO RESGUARDA MEMÓRIA DA CIDADE. *Correio do Triângulo*, Uberlândia, 23/01/93.
- GRUPO CARRIJO: AMOR É NISSO QUE DÁ. *Revista Distak's*, Uberlândia, 22: 34-35, set. 1986.
- LOURENÇO, Luís A. B. *Bairro de Patrimônio: salgadores e moçambicanos*. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1986.
- MELLO, João B. F. de. Geografia humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 52 (2): 91-115, out./dez. 1990.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. *Plano Diretor - Cidade de Uberlândia 1991 - 2006*. Versão preliminar. Assessoria Geral de Planejamento, Uberlândia, 1991.
- PROST, Antoine, VICENT, Gerald (orgs.) *História da vida privada: da primeira guerra mundial aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, vol 5, 1992.
- RAMIRES, Julio Cesar de Lima. *A verticalização do espaço urbano de Uberlândia: uma análise da produção e consumo da habitação*. São Paulo: Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, 1998.
- SACK, Robert. *Human territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

- SOARES, Beatriz R. *Habitação e produção do espaço urbano de Uberlândia*. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1988.
- _____. *Uberlândia: Da cidade Jardim ao Portal do Cerrado - Imagens e representações no Triângulo Mineiro*. São Paulo, Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1995.
- SOARES, Beatriz R., RAMIRES, Julio C. L. As transformações do centro de Uberlândia no contexto de expansão da cidade. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 5(9 e 10): 25-38, jan./dez. 1993.
- _____. O arranha-céu e a modernização da paisagem urbana de Uberlândia. *História & Perspectivas*, Uberlândia, 12/13: 29-57, jan./dez. 1995.
- SPOSITO, Maria da E. B. *O chão arranha o céu: a lógica da (re) produção monopolista da cidade*, São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1991.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3.d. São Paulo: Polis, 1982.

Recebido em: 10/98

Aceito em: 10/98